

MOSAICO

apoio pastoral

..:: NESTA EDIÇÃO ::..

Editorial

Antonio Carlos S. dos Santos
pág. 2

Entre a Glória e o Caos: Memórias do Êxodo

Lidia Kameyo Ueda
pág. 3

Mais que espera, esperança. Mais que esperar, esperar

Rev. Paulo Dias Nogueira
pág. 6

Monarcas-mito, magos-místicos e meninos-messias: um itinerário da esperança nas narrativas do Natal.

Rev. Martin Santos Barcala
pág. 9

Mais do mesmo

Antonio Carlos S. dos Santos
pág. 13

Programa de Culto: Natal, Esperança e Justiça.

Elaborado por Antonio Carlos Soares dos Santos
pág. 16

Culto de Renovação do Pacto

pág. 18

Poema de Natal

pág. 22



Natal: Uma canção de Esperança

Editorial

Estamos no findar de mais um ano. Como tem passado rápido! Temos experiências boas para guardarmos em nossa memória, outras não tão boas, mas que ficarão guardadas mesmo assim. O que vale é que Deus tem estado conosco em todo tempo! A última Mosaico de 2018 nos traz belas reflexões sobre a Glória de Deus, sobre o desafio de buscarmos uma nova história; Também nos brinda com uma reflexão sobre a esperança de

mudanças e, como não podia deixar de ser, o Natal que todos nós esperamos! Ainda oferecemos um Programa de Natal e repetimos a Liturgia de Ano Novo da edição 2017. Para encerrar, uma linda poesia de Vinicius de Moraes. Venha refletir conosco, venha celebrar conosco! Jesus é o nascimento do novo e da luta por transformações!

Antonio Carlos S. dos Santos
Editor

Editorial

Ano 26, n. 58, setembro-dezembro 2018

Mosaico Apoio Pastoral

Ano 26, n° 58, setembro-dezembro 2018

Faculdade de Teologia da Igreja
Metodista / Universidade Metodista
de São Paulo

Reitor da Universidade Metodista de
São Paulo: Paulo Borges Campos Jr.
Diretor da Faculdade de Teologia:
Paulo Roberto Garcia

Conselho Diretor

Wesley Gonçalves Santos (4ª RE)

Presidente

Lia Hack da Rosa (2ª RE)

Vice Presidente

Claudia Nascimento (3ª RE)

Luciano José Martins da Silva (5ª RE)

Almir Lemos Nogueira (1ª RE)

Suplentes:

1º – Ewander Ferreira de Macedo (7ª RE)

2º – Eni Domingues (6ª RE)

Bispo Assistente

Revmo. Bispo João Carlos Lopes

Comissão Editorial

Blanches de Paula

Eber Borges da Costa (Coordenador da
Editeo)

Helmut Renders

João Batista Ribeiro Santos

José Carlos de Souza

Responsável por essa edição:

Editores:

Antônio Carlos S. dos Santos

Luana Martins Golin

Assistente Editorial: Fagner Pereira dos
Santos

Revisão:

Antônio Carlos S. dos Santos

Luana Martins Golin

Capa: Fagner Pereira dos Santos

Editoração eletrônica: Maria Zélia F. de Sá

Imagem da capa: Christ and the Woman
of Samaria at the Well (oil on canvas),
Solimena, Francesco (1657-1747).

Mosaico

Apoio Pastoral EDITEO

Caixa Postal 5151, Rudge Ramos,
São Bernardo do Campo, CEP
09731-970

Fone: (0__11) 4366-5958

editeo@metodista.br

Entre a Glória e o Caos: Memórias do Êxodo

LIDIA KAMEYO UEDA*

PORÉM ELE DISSE: EU FAREI PASSAR TODA A MINHA BONDADÉ POR DIANTE DE TI, E PROCLAMAREI O NOME DO SENHOR DIANTE DE TI; E TEREI MISERICÓRDIA DE QUEM EU TIVER MISERICÓRDIA, E ME COMPADECEREI DE QUEM EU ME COMPADECER. (Êxodo 33.19)

INTRODUÇÃO

A frase de Ex 33.19 situa-se já entre as últimas etapas da longa caminhada entre a situação inicial de escravidão no Egito e a conclusão do livro do Êxodo. O caos inicial narrado pelo Livro do Êxodo é o da escravidão com duros e amargos trabalhos. A superação surge através da ação da Palavra do Senhor em confronto com o faraó. Moisés é o grande interlocutor entre Deus e o povo. Ele é também o representante (de Deus e do povo) nos confrontos com o faraó.

O povo é libertado e inicia a sua grande marcha rumo à Terra Prometida. Novos caos surgem na caminhada: o mar bravio teve que ser superado (14.15-31); a falta de água (15.22-27); a fome (16.1-36); a sede novamente (17.1-7); os inimigos amalequitas (17.8-16); a falta de lideranças (18.13-27)... O povo chega diante do Monte Sinai e ali acampa. Esta parada é momento de glória, com o recebimento da Lei e a instituição da Aliança no de-

serto (19.1). Porém, um novo e grande caos surge na caminhada. O povo, na ausência de Moisés, troca o Senhor que os libertou das garras do faraó pelo bezerro de ouro (32.1-6). Chamaram aquele bezerro de YHWH, não de outro nome.

É ESTE CAOS QUE PRECISA SER SUPERADO PARA A CONTINUIDADE DA CAMINHADA.

No entanto, a superação deste conflito é difícil. O diálogo travado entre Moisés e o Senhor não é tranquilo; ao contrário, é conflituoso. De uma parte o Senhor parece estar decidido a abandonar o projeto de ser parceiro do povo que libertou. O Senhor se dirige a Moisés dizendo que este é “teu” povo (32.7) ou “este povo” (32.9). Moisés devolve a questão dizendo que o povo é “teu” (32.11-12; 33.13-16). Não

é uma disputa para ganhar o povo (como foi o conflito entre Deus e o Faraó), e sim para saber quem não quer ficar com o ônus de ser proprietário de um povo que foi infiel. É uma situação semelhante a apresentada pelo Profeta Oséias, cujo filho (que representa o povo infiel) se chama “Lo-Ammi” (“não-meu-povo”) quando o Senhor diz: “porque não sois meu povo, e eu não existo para vós” (Os 1,9).

O conflito entre o Senhor Deus e Moisés se acirra a tal ponto que Moisés utiliza um expediente nada recomendado. Ele joga nas mãos do Senhor a responsabilidade por tudo o que acontecer. Mais ainda: informa que se o projeto fracassar, o Senhor também perderá, pois os demais povos vão rir dele, vão acusá-lo de ser incapaz de cumprir o que prometeu... (32.12). Interessante que a ação de Moisés de buscar satisfação diante de Deus, não será punida e nem mesmo condenada pelo Senhor. Antes pelo contrário, é levada em conta. O Senhor escuta a súplica

Entre a
Glória e o
Caos:
Memórias
do Êxodo

ca de Moisés, vê a obstinação do líder – que age qual uma mãe que defende a cria diante das ameaças –, tem compaixão e misericórdia, do líder e do próprio povo rebelde.

Assim, Deus e Moisés conversavam face a face na tenda da congregação, assim como fazem os amigos. Moisés desfrutou do favor de Deus não porque era perfeito, genial, ou poderoso, mas porque tinha aceitado desenvolver seu relacionamento com Deus (desafio de guiar o povo para a liberdade). Moisés confiou inteiramente e completamente na sabedoria e direção de Deus. Essa amizade na época estava fora do alcance do restante da população, hoje ela é alcançável para nós. Jesus chama os discípulos de amigos (Jo 15.15). Ele te chama para ser seu amigo, você aceita? Ele está contigo o tempo todo, todos os dias, vamos estreitar essa amizade? Moisés se apresenta diante de Deus como intercessor do povo. E tinha guardado o que Deus falou a seu respeito: ACHASTE GRAÇA! GOSTEI!

SE HÁ AMIZADE, HÁ INTIMIDADE...MOISÉS PEDIU PRA SABER:

1. qual era o plano de Deus para o povo,
2. Sabendo isso poderia crescer ainda mais no seu conhecimento de Deus. Reconhecia que não sabia todas as coisas sobre Deus. Você também se sente assim?
3. Sabendo qual era o plano também poderia saber se

realmente tinha agradado a Deus. Ou seja, se Deus o tinha ouvido.

O caminho, o plano de Deus era a Sua presença. E essa foi uma resposta positiva de Deus para Moisés, o que mostra o quanto ele realmente tinha o favor de Deus. É através do diálogo entre o Senhor e Moisés que resulta novamente a superação do caos. O Senhor se dispõe não só a continuar caminhando com o povo, mas ser uma presença mais efetiva: *“Eu mesmo irei convosco e te darei descanso”* (Ex 33,14). É uma presença em grau maior do que aquela anunciada em 23,20.23; 32,34 e 33,2, onde era somente o Anjo que acompanhava o povo.

Moisés reitera, relembra, reafirma então a promessa de Deus. Ele a recebe e toma posse dela. A palavra falada do Senhor é nossa garantia e penhor que tudo que ele prometeu se cumprirá no seu devido tempo e nossa fé se baseia não em vento ou é cega, antes é firmada e fundamentada na palavra daquele que prometeu. Ele falou, nós cremos. A minha fé tem origem na fala de Deus e por causa disso ela gera a fala do meu testemunho. Moisés acrescenta agora também o povo, conversando com Deus de sua experiência de vida, ele sabia que o diferencial que ti-

nha estava totalmente baseado em ter Deus caminhando com eles. Deus é favorável com o pedido sobre o povo também, deixa claro que isso acontecerá porque Moisés o agradou, tinha relacionamento com Deus – conhecer pelo nome.

Estava buscando uma revelação maior de Deus, ele queria ver a glória do Senhor: *Rogo-te que me mostres a tua glória.* Esse diálogo de Moisés e Deus nos empolga e nos incentiva a buscar ao Senhor mais e mais.

No verso 19, Deus responde ao pedido de Moisés dizendo-lhe: *Farei passar toda a minha bondade diante de ti e te proclamarei o nome do SENHOR; terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia e me compadecerei de quem eu me compadecer.*

PROMESSAS:

1. Passar a Bondade: beleza, todo o meu bem, toda a fidelidade, todo o meu esplendor, toda a minha riqueza, todos os meus benefícios.
2. Proclamar o nome do Senhor: YHWH, Moisés já havia escutado o nome sagrado de Deus, foi Ele quem o revelou a Moisés (Ex 3.13-15). Eu sou aquele que é, ou **Eu Sou** o que Serei. Envolve o verbo ser. Nome este que é solidário, ligado à dor e angústia do seu povo.

Assim quando ele diz que terá misericórdia e se compadecerá de quem ele quer, ele está sendo justo, santo, bom e verdadeiro.

Entre a
Glória e o
Caos:
Memórias
do Êxodo

1) Moisés pediu para ver a glória de Deus;

2) Deus fala que vai passar a bondade e proclamar o nome;

"A beleza salvará o mundo!". Em seu romance *"O Idiota"* Dostoiévski nos deixou esta bela frase. Mas é o mesmo autor que também questiona: *"Qual beleza salvará o mundo?"* *"Qual beleza suplantará o caos?"*. Diante de um quadro de Jesus

crucificado, o autor nos diz que ele pode nos fazer perder a fé, sobretudo quando não vemos nele o grande sinal do amor de Deus por nós. É certo que nosso Deus se manifestou com os traços mais belos e maternos nos momentos de dor e sofrimentos do povo, restabelecendo a vida ameaçada (na escravidão do Egito, no exílio da Babilônia, na morte do Filho na cruz). A superação

dos tantos "caos" indica que o Senhor quer a vida, quer a beleza que salva. Precisamos de um mundo de beleza, mas não a beleza do luxo comercial. O belo não tem preço e nem se pode comprar com dinheiro... o belo é a Glória de Deus que vence o caos!

É seminarista metodista, aluna 6ª RE, atualmente no 7º semestre do Curso de Teologia da Faculdade Metodista



http://1.bp.blogspot.com/_EYb02oQd5Ek/TVBuZRVNW2I/AAAAAAAAAADS/R23iezclthI/s1600/2733538901_6097eae114.jpg

Entre a
Glória e o
Caos:
Memórias
do Êxodo

Mais que espera, esperança. Mais que esperar, esperarçar

Rev. Paulo Dias Nogueira*

“QUERO TRAZER À MEMÓRIA AQUILO
QUE ME DÁ ESPERANÇA” (LM 3:21)



<http://s3-sa-east-amazonaws.com/diocesesjdr/wpcontent/uploads/2016/11/01152719/flower-in-crack-12x8.jpg>

*Mais que
espera, esperança.
Mais que esperar,
esperança.*

Ano 26, n. 58, setembro-dezembro 2018

Durante minha infância tive oportunidade de assistir desenhos pela TV. Naquela época, década de 1970, muitos destes eram dos Estúdios Hanna-Barbera. Um deles tinha como personagens principais um leão chamado Lippy e uma hiena chamada Hardy. Era uma dupla de opostos. O Lippy, um otimista nato, sempre tinha ideias mirabolantes para que os dois se dessem bem. Já o Hardy era o pessimismo em pessoa. Nos momentos em que Lippy apresentava suas ideias, Hardy exclamava: “Oh céus! Oh vida! Oh azar! Isto não vai dar certo!”. Esse bordão se tornou um dos mais conhecidos da televisão brasileira. Em resposta ao pessimismo do amigo, Lippy procurava animá-lo dizendo: “Calma, Hardy!”. Estes dois amigos caminhavam juntos e faziam as mesmas coisas, porém tinham percepções do mundo antagônicas. Enquanto o otimista Lippy acreditava que tudo daria certo, o pessimista Hardy reclamava exclamando: “Isto não vai dar certo!”.

Neste momento em que iniciamos mais um ano, temos a oportunidade de recalibrar nossos olhares. Aos que tem assumidos a postura do Hardy, olhando com pessimismo para o futuro, convido-os a uma conversão. Não ao otimismo do Lippy, pois ele também não é uma boa opção. Convido-os sim a converterem-se à esperança. Esperança é muito mais que otimismo, pois otimismo é “por causa de” e esperança é “apesar de”. O otimista tal como o Lippy, faz uma análise

de conjuntura, planeja possibilidades e acredita que dará certo. Já aquele que vive por esperança, continua nadando ainda que a maré esteja contrária. Mais do que acreditar num mundo melhor ou pior, porque vislumbramos sinais, somos convidados a viver a esperança.

Paulo Freire, um educador brasileiro, nos desafia a termos esperança do verbo esperar. Ele afirma:

“É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperar, porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperançar é se levantar, esperar é ir atrás, esperar é construir, esperar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperar é juntar-se com outros para fazer de outro modo (FREIRE 2014 p.110-111).

Parece-me que bem antes de FREIRE, o autor (ou autores) da poesia três do livro das Lamentações já abordava a importância de se exercitar a memória conjugando o verbo esperar.

Diante da destruição de Jerusalém em 587 a.C., o povo de Israel passou a celebrar um rito de luto e arrependimento junto às ruínas. Sob o impacto dos sofrimentos cau-

sados pela invasão babilônica, o livro das Lamentações foi o ‘hinário’ utilizado nestas celebrações. (SCHWANTES 1987 p.57). Não é possível determinar com precisão qual o gênero literário destas poesias, pois ao autor (autores) interessava muito mais apresentar o conjunto de ideias do que seguir um padrão literário (SELLIN-FOHRER 1977 p. 434).

Diante da perda das principais referências que davam identidade e projeto ao povo, a saber a terra, o rei, a Lei, o templo, a cidade de Jerusalém, o povo de Deus enfrenta a mais grave crise de sua história (SCHLAEPFER 2009 p.81). Nestas poesias o poeta (poetas) não esconde nem diminui a extensão dos males. Ele sofre e se interroga, porém, continua esperando (esperando) em Deus e em sua misericórdia.

Emblemática é a poesia três, pois diferentemente das outras quatro ela é um lamento individual onde em meio a dor, o autor (autores) se propõe a realizar um importante exercício. Frente ao sofrimento, uma nova postura é assumida. Não se trata de deixar o pessimismo e assumir o otimismo. Segundo BONORA apud GOTTLWALD (1993 p.146) mais do que simplesmente lamentar, a poesia sugere atitude tipicamente sapiencial, ou seja, esperar pacientemente pela intervenção divina.

O verso 21 da poesia três, ou seja, Lm 3:21 nos apresenta esta proposta sapiencial. O autor (autores) cansado de olhar para as ruínas do tem-

*Mais que
espera, esperança.
Mais que esperar,
esperançar.*

plo e lamentar tudo que perdeu, resolve mudar seu olhar. Sua perspectiva que estava na destruição causada pelo próprio pecado do povo, encontra uma nova dimensão. Ao invés de fixar os olhos na dor e no sofrimento, ele se propõe a olhar para aquilo que lhe desse esperança. Ele resolve conjugar o verbo esperar. Assume a postura de exercitar a mente, trazendo à tona aquilo que lhe desse esperança. Após propor o exercício, ele mesmo descobre que sua esperança está nas misericórdias de Deus.

Assim como o povo que sofreu a perda da cidade de Jerusalém e com ela as principais referências que davam identidade e projeto, muitas pessoas estão iniciando o ano de 2019 com esta sensação. O

medo, a insegurança, a decepção acabam por apresentar um futuro nublado. Corre-se o risco de uma vida refém de fatalismos, tal como a apresentada por Hardy. É necessário vencer esta postura escravizante. Porém, não basta simplesmente trocar os óculos do pessimismo pelos do otimismo, ou seja, deixar de ser Hardy, para ser Lippy. É necessário muito mais. É preciso assumir uma atitude sapiencial, tal como a do autor de Lamentações 3:21. Que possamos tal como ele, trazer à memória aquilo que nos dá esperança.

Que neste novo ano possamos mais que esperar, esperar. Feliz 2019!

BIBLIOGRAFIA

BÍBLIA, Sagrada: Traduzida por João Ferreira de Almeida. Revista e

Atualizada no Brasil. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BONORA, Antonio. Naum, Sofonias, Habacuc, Lamentações: sofrimento, protesto e esperança. São Paulo: Edições Paulinas, 1993.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da esperança. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

SCHLAEPFER, Carlos Frederico. A Bíblia: introdução historiográfica e literária. Petrópolis RJ: Vozes, 2009.

SCHWANTES, Milton. Sofrimento e esperança no exílio: história e teologia do povo de Deus no século VI a.C. São Paulo: Paulinas; São Leopoldo: Sinodal, 1987.

SELLIN, E. e FOHRER, G. Introdução ao Antigo Testamento. Vol II. São Paulo: Paulinas, 1977.

Pastor Metodista
e professor na Faculdade de Teologia
da UMESP.

Editorial

Monarcas-mito, magos-místicos e meninos-messias:

um itinerário da esperança nas narrativas do Natal

Rev. Martin Santos Barcala*

INTRODUÇÃO

Dentre as narrativas evangélicas do nascimento de Jesus, sempre me encantei por uma contida no Evangelho de Mateus. Os doze primeiros versos do segundo capítulo deste evangelho narram o percurso de “uns magos do Oriente”. Não se trata de simples viagem, nem se resume a mero deslocamento geográfico. É percurso que se faz com o corpo, sem dúvida, mas cujos efeitos são sentidos, principalmente, na alma – essa dimensão mais plena do próprio corpo. Os olhos que escrutinam os céus, buscam também sinais do que afetaria a vida.

Durante o percurso realizado pelos magos, é possível discernir alguns itinerários, paragens, encruzilhadas existenciais nas quais a esperança vai se configurando num processo contínuo de ressignificações, até que se manifesta inesperadamente, concretizando um paradoxo: o tão-esperado nos surpreende; o tão-buscado nos desencaminha; o nosso guia acaba por nos desviar...

Convido-lhes, pois, à releitura desta passagem, numa perspectiva específica que, a partir do entrelaçamento de monarcas-mito, magos-místicos e meninos-messias, reafirma o que já se ouvia naquelas estações do Oriente: a presença de Deus-conosco!

OS MONARCAS-MITO OU A ESPERANÇA SEQUESTRADA PELO PODER

Pelo relato dos próprios magos, seu percurso se iniciou pelo costumeiro escrutínio dos astros, hábito comum de povos do Oriente, que jamais abraçaram a loucura da racionalidade fria e solitária. Ao invés disso, permaneceram crentes e sensíveis às mensagens cósmicas, sabedores de não serem meros possuidores de vida biológica individualizada em corpos organizados, mas partícipes da Vida multiforme que pervade o Universo.

*Monarcas-
-mito, magos-
-místicos e
meninos
-messias*

“Vimos a sua estrela no Oriente e viemos...” para o centro do poder. Algo soa muito estranho nesta afirmação. O percurso iniciado no discernimento vigilante das órbitas celestiais, na sensibilidade que escrutina sinais dos tempos na movimentação dos astros, nos corpos que se movimentam levados por aspirações sublimes, termina encastelado nas paredes dos poderosos. Parece que, em algum momento, os magos substituíram a estrela pela *estrela*, e aqui tanto faz se adotaram a acepção grega ou latina da palavra. Trocaram os movimentos indicados pela Vida que se expressa no Universo pelos monumentos construídos em louvor aos mortos do castelo. Deixaram o rastro errante, efêmero e tênue – como aliás, tudo que é legitimamente belo – das órbitas celestiais e embrenharam-se pelo calçamento firme e seguro da *Via Regia* que conduzia a Herodes.

Consequentemente, ao invés do Messias, encontram uma espécie de “monarca-mito”. Uma categoria de gover-

nante que, aliás, jamais se livra das pretensões messiânicas. Herodes é assim. Precisa afirmar-se o tempo inteiro, caso contrário, ninguém o perceberia. Reclama uma autoridade que não se legitima sem uso de força, sem as estruturas do poder viciado e viciante “dos fortes e poderosos deste mundo”, despedidos de mãos vazias no canto magnífico da menina-irmã-grávida de Deus. Herodes é um “monarca-mito”, porque depende da manutenção artificial desses mitos para governar. É um messias fajuto, como tantos outros, de lá e de cá. Cerca-se de especialistas cuja principal função é encobrir o

vexame de sua ignorância, o absurdo de sua incompetência. Convoca “todos os principais sacerdotes e escribas do povo” para indagar-lhes sobre um evento central, decisivo, inevitável: “Onde o Cristo deveria nascer”?

É provável que os magos, a essa altura, já tivessem dado conta da gravidade de seu próprio desvio. Como seria possível ignorar um evento anunciado pelo cosmo e não chegar a ter ciência de sua manifestação, a não ser após uma exegese especializada das tradições religiosas antigas e desprezadas de seu próprio povo? Todavia,

isto é possível. Na verdade, é bastante comum. Ocorre que os “monarcas-mito” são acometidos por um tipo de cegueira mui profunda: o egoísmo. Seu vulto avoluma-se tanto que não conseguem enxergar mais nada, nem ninguém. Suas estratégias são sempre semelhantes, consistindo no sequestro da esperança pelo poder. Herodes não tinha, nem terá, esperança. Resta-lhe o exercício execrável do poder, praticado na perseguição e eliminação de seus adversários.

Aos magos, concede ordens e diretrizes. Alega não apenas interesse, mas cumplicidade.



https://www.comshalom.org/wp-content/uploads/2014/12/17/redacao/c3adcone-nascimento-do-senhor_02.jpg

*Monarcas-
-mito, magos-
-místicos e
-meninas
-messias*

De certo modo, Herodes sabe que os dias de “monarcas-mito”, tais como ele mesmo, já haviam sido contados. E se findavam.

OS MAGOS-MÍSTICOS E AS ALEGRIAS DESVIANTES

Se for possível imaginar que aqueles magos do Oriente, em algum momento do seu percurso, preferiram as convenções humanas às transgressões divinas e, deste modo, fizeram do castelo de Herodes seu primeiro itinerário na busca do Messias, é igualmente preciso reconhecer que, desvencilhando-se dos labirintos daquele castelo, eles recuperaram rapidamente sua espiritualidade acentuadamente mística e alegre: “E, vendo eles a estrela, alegraram-se com grande e intenso júbilo”.

A mística nunca foi devidamente valorizada na tradição cristã ocidental, principalmente na vertente protestante histórica. Desde o século 16, as principais correntes protestantes quase sempre identificaram revelação divina com o texto bíblico. Daí que a exegese sempre prevaleceu sobre a intuição; a informação sobre o sonho; o mapa sobre o horizonte. De certo modo, o protestantismo cultivou uma postura de cabeça baixa e olhar voltado para fora – como quem lê uma bíblia – muito mais do que aquela de cabeça erguida e olhar que perscruta o interior.

Os magos saem do castelo com exegese, informação e mapa. Um verso do profeta Miqueias, a informação de

que o Messias viria ao mundo num tempo determinado por Deus, e o mapa para a cidade de Belém, indicação antiga do local de seu nascimento. Carregam, ademais, uma incumbência dada pelo próprio “monarca-mito” Herodes: que o avisassem assim que se desparassem com o recém-nascido. Fossem aqueles magos engessados pelo racionalismo e agrilhoados pelo moralismo sem vida que rege as relações entre muitos cristãos e cristãs contemporâneos e o Estado, mais um menino-messias teria sido morto por Herodes, dentre tantos que sua sede de poder vitimou naquela ocasião.

Mas aqueles magos eram místicos. O que significa dizer que cultivavam uma espiritualidade livre das amarras institucionais e voluntariamente conectada com os vestígios de Deus presentes no mundo. Acertadamente, dispensam o mapa e seguem a estrela. Encontram o menino em casa, com sua mãe. A cena corriqueira não impede um gesto extraordinário: prostram-se, adoram e entregam-se, juntamente com seus presentes. Por viverem mais pelos sonhos do que pelas ordens, desviam-se! “Regressaram por outro caminho à sua terra”. Converteram-se ao menino-messias, renunciando assim a todos os monarcas-mito. Escaparam do poder, recuperando a esperança.

*Monarcas-
-mito, magos-
-místicos e
meninos
-messias*

OS MENINOS-MESSIAS E A REINVENÇÃO DO MUNDO

Evidentemente, o plural usado na expressão “meninos-messias” não tem a finalidade de relativizar o evento salvífico concretizado no nascimento de Jesus, o Cristo. Trata-se, isto sim, de ampliar o escopo daquele evento, indicando a inauguração de uma nova consciência, uma *meta-noia*, para usar a expressão do apóstolo Paulo. A pediatra e psicanalista francesa Françoise Dolto, em um de seus muitos livros dedicados à “cura da educação” – como ela gostava de definir sua prática –, afirmou que, depois dos eventos narrados pelos evangelhos a respeito da encarnação do Filho de Deus, somos obrigados e obrigadas a reconhecer que, “quando uma criança nasce, Deus vem ao mundo sempre de novo”. Em terras brasileiras, e com muito mais sensibilidade e poesia – particularmente, permitam-me a ousadia da afirmação – o Rio-baldo decretava, inequivocamente: “Minha senhora dona, um menino nasceu, o mundo tornou a começar!”.

É o que há para celebrar no Natal! A reinvenção do mundo pelo nascimento de Jesus. A potência reinventiva de qualquer nascimento humano. Não faz sentido esmiuçar textos e sítios arqueológicos à procura de dados que reconstruam ou confirmem o nascimento de um menino-Deus, enquanto se vive atrelado, no presente, ao poder de “monarcas-mito” poderosos ao seu modo, cujo único objetivo é recusar a possibilidade de

que o mundo seja reinventado pelas mãos de crianças.

É melhor desviar-se alegremente das lógicas sedutoras desse poder e andar por outros caminhos, como fizeram aqueles belos magos do Oriente. Ou – caso os resquícios moralistas do verbo “desviar” impeçam a experiência de libertação que ele sugere – é

melhor reconhecer em um recém-nascido carinhosamente aninhado nos braços de sua mãe “a salvação prometida” ao povo de Deus, e viver o restante dos dias sob os efeitos deste encantamento, como o fez Simeão. A celebração do Natal é uma excelente oportunidade para reafirmar nossa convicção de que carregamos no colo

as pessoas que reinventarão nosso mundo. E confiar que elas o façam mais justo, belo e verdadeiro.

Ele sempre está conosco!
Feliz Natal.

Pastor na Igreja Metodista em
Registro, Terceira Região Eclesiástica
Professor na área de Teologia e
História na Faculdade de Teologia
da Igreja Metodista

*Monarcas-
-mito, magos-
-místicos e
meninos
-messias*

Mais do mesmo

TEXTO: ECLESIASTES 1. 1-11; 12. 13-14

ANTONIO CARLOS S. DOS SANTOS*



<https://1ix9jr3igh5s30m6ch21docyww0-wpengine.netdna-ssl.com/wp-content/uploads/2017/05/subindo.jpg>

INTRODUÇÃO

Sou um profundo admirador do livro de Eclesiastes, e gosto de dizer isso por várias vezes. No entanto, gostaria de tecer algumas palavras a respeito desse livro de uma forma geral. Este livro nos oferece a oportunidade de ver o mundo por meio dos olhos de uma pessoa que, apesar de muito sábio, está tentando encontrar sentido em coisas humanas e temporárias. Quase todas as formas de prazeres são exploradas pelo Pregador, e nenhuma delas lhe dá sentido

algum: **Vaidade das vaidades, tudo é vaidade**, ou numa tradução mais literal, **vazio dos vazios, tudo é vazio**. O autor faz um balanço sobre a vida, e busca apaixonadamente uma saída para a realização da pessoa humana. Portanto, a pergunta básica que impulsiona a reflexão em Eclesiastes é: Quais os caminhos para a realização da vida e a busca

da felicidade? Mediante esse estilo dialético, e considerando a crise que o povo judeu enfrentava na época helenista, O Pregador elabora um convite para se caminhar com ele pelo caminho das incertezas. O autor está cansado.... Nessa busca por respostas ele se depara com algo curioso e declara: Geração vai e geração vem; mas a terra permanece para sempre. O Pregador assinala para o constante fazer e desfazer na história da humanidade: gerações após gerações se levantam e caem, pessoas vêm

*Mais do
mesmo*

e logo são esquecidos/as; tudo isto tendo como indiferente cenário a terra, que vê todas as gerações passarem e continua existindo. Sem dúvida ela verá o último de nós que ficar em cena – e o que ser humano lucrará com isso?

Neste ponto quero enfatizar a pergunta do Pregador: Que proveito tem o ser humano de todo seu trabalho? Reclamamos da vida, reclamamos do atual momento em que vivemos, oramos para que Jesus volte logo, o mundo está mudado... Será? Será que está mudado mesmo?

A CONSTANTE DINÂMICA DE “MAIS DO MESMO”.

Será que o cenário que vivenciamos atualmente é uma novidade? A violência é uma novidade? Já na virada entre o século XIX e XX os jornais eclodiam com notícias de violência. Talvez hoje esteja muito mais a vista porque vivemos nessa era da comunicação, das notícias rápidas... A história humana é uma roda viva de mais do mesmo. Antigamente se matava por dinheiro, se matava por inveja, se matava por pensar ou ser diferente... no início do século XX a cada 10 pessoas mortas 9 eram negras. Quer uma novidade? Dados de Junho de 2017: **A estimativa é que os cidadãos negros tenham um risco 23,5% maior de sofrer assassinato em relação a outros grupos populacionais. De cada 100 pessoas assassinadas, 71 são negras no Brasil**¹. Mais do

mesmo. O tempo passou, mas a sociedade é a mesma. Ainda se mata por dinheiro, ainda se mata por inveja, ainda se mata por pensar e ser diferente.

Antigamente, a corrupção atrasava as obras e a vida do cidadão/cidadã. Na primeira metade do século XIX, o seguinte verso corria pelas ruas do Rio de Janeiro:

Quem furta pouco é ladrão
Quem furta muito é barão
Quem mais furta e esconde
Passa de barão a visconde

Qual a novidade?

A corrupção é uma antiga conhecida da sociedade brasileira, desde a época do império passando pela República e Era Getúlio até os dias atuais, conforme descrito por José Murilo de Carvalho no seguinte fragmento de texto,

No século XIX, os republicanos acusavam o sistema imperial de corrupto e despótico. Em 1930, a primeira república e seus políticos foram chamados de carcomidos. Getúlio Vargas foi derrubado em 1954 sob acusação de ter criado um mar de lama no Catete. [...] (Carvalho, 2009, p.1)

Vejo o Pregador de Eclesiastes olhando toda essa situação calamitosa e declarando: *O que foi é o que há de ser; e o que se fez, isso se tornará a fazer... Há alguma coisa de*

que se possa dizer: Vê, isto é novo? Não! Já foi nos séculos que foram antes de nós (vss 9-10).

Nunca fui muito fã do cantor Cazuza, mas quando nos deparamos com alguns versos de uma de suas canções, percebemos que a verdade pode ser dita por muitas pessoas: *Eu vejo o futuro repetir o passado, eu vejo um museu de grandes novidades... É isso que o Pregador percebeu ao observar o mundo: Vivemos em um grande museu de novidades. Olhamos e dizemos: Isso nunca aconteceu antes!... Mas está ali exposto no grande museu como peça do passado.*

Mas ainda bem que o autor de Eclesiastes não para no capítulo 1...

E vai caminhando o Pregador: Entre conselhos para aproveitar a vida enquanto se pode, entre preferir ser um cachorro vivo do que um leão morto, entre as injustiças para os justos...

Chega ao final do livro com um conselho diante de que tudo que diz:

2. SIM...MESMO A MESMICE TEM UMA SAÍDA. (12. 13-14)

Está difícil, nada muda, tudo se repete... No entanto, de tudo que se tem ouvido, o resumo é: Teme a Deus e guarda seus mandamentos. Ao final o Pregador encontra resposta para o sentido da vida: Temer a Deus e guardar seus mandamentos.

Temor a Deus é reconhecer as nossas limitações e reconhecer a grandeza de Deus; Reco-

Mais do
mesmo

¹ <https://g1.globo.com/politica/noticia/enquanto-homicidios-de-negros-crescem-taxa-cai-no-restante-da-populacao.ghtml>.

nhecer a incapacidade diante de um mundo que se repete em maldade... Mas também guardar os seus mandamentos nos lembra que apesar das atrocidades que somos capazes, das repetidas formas de violências e corrupção a que submetemos em nossa sociedade, também somos capazes de gestos de amor, de solidariedade e de transformarmos situações opressoras em liberdade. *"Tema e guarde os mandamentos de Deus"*, resume o livro de Eclesiastes. Esta expressão sugere que Deus deve ser reverenciado, levado a sério,

respeitado. Seu nome não deve ser usado em vão. Não pode ser manipulado e nem enquadrado em esquemas religiosos que diminuam a grandeza e a força do amor de Deus. Ao dizer "tema a Deus!" O Pregador parece sugerir "deixe Deus ser Deus". Para o Pregador, Deus é extremamente presente, é extremamente passado e extremamente futuro.

ENFIM...

Diante de cenários que se repetem constantemente, o Pregador quer dizer que na verdade nem tudo é vaidade.

Devemos assumir que a vida é fugaz, breve. Não queira fugir, nem para o futuro, nem para o passado, nem para o além. Abraça cada segundo da vida como uma dádiva de Deus; viva intensamente; "coma e beba gozando os frutos do seu próprio trabalho; seja ético; e, assim, serás feliz", afinal, o Pregador conclui com uma esperança: Deus há de trazer a juízo todas as obras, até as que estão escondidas, quer sejam boas, quer sejam más..."

É leigo metodista e professor na FATEO.

Mais da
mesma

Programa de Culto: Natal, Esperança e Justiça

ELABORADO POR ANTONIO CARLOS SOARES DOS SANTOS

PRELÚDIO

ADORAÇÃO:

Acolhida - A celebração do nascimento de Jesus Cristo leva-nos, inevitavelmente, a repensar o amor ao próximo, a solidariedade e sua aplicação na Justiça. Pensemos como o Natal, a Esperança e a Justiça podem andar em comunhão.

Cântico de Adoração – HE 08
(Adoremos ao Senhor)

LEITURA BÍBLICA

– ISAÍAS 61. 1-4

Oração de Adoração - Senhor, reunimo-nos hoje aqui para celebrar, porque numa noite como esta, há muito tempo, quiseste ser uma criança com nome e apelidos entre as crianças mais pobres da Terra. Abençoe a nossa comunhão. Ao menos por uma noite, gostaríamos que o Mundo fosse uma grande Família: sem guerras, sem miséria, sem drogas e sem fome, com um pouco mais de música e muito mais justiça. Conserva-nos unidos. Dá-nos pão e trabalho durante todo o ano. Dá-nos força e ternura

para sermos pessoas úteis que lutem por um Mundo onde haja dias bons e muitas coisas boas como estas em que quiseste nascer entre nós. Senhor, Tu serás bem-vindo a esta casa, até que um dia nos reúnas na Tua. (*Joseph Oriol*)

CONFISSÃO:

Chamado ao arrependimento - Neste momento, em nome de Jesus Cristo, o justo, que nos reconcilia com o Pai e intercede por nós, abramos nossos corações e mentes, nosso espírito, ao arrependimento, à confissão e ao perdão, para que possamos ser menos indignos e indignas de nos aproximar de Deus.

LEITURA BÍBLICA – ISAÍAS 61.8

Cântico de Arrependimento – HE 245 (Venho como estou)

Palavra de Esperança - Porque, como a terra produz os seus

renovos, e como o jardim faz brotar o que nele se semeia, assim o Senhor DEUS fará brotar a justiça e o louvor para todas as nações. (Isaías 61.11)

LOUVOR:

Convite ao Louvor - E aconteceu que, estando eles ali, se cumpriram os dias em que ela havia de dar à luz. E deu à luz a seu filho primogênito, e envolveu-o em panos, e deitou-o numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na estalagem. Ora, havia naquela mesma comarca pastores que estavam no campo, e guardavam, durante as vigílias da noite, o seu rebanho. E eis que o anjo do Senhor veio sobre eles, e a glória do Senhor os cercou de resplendor, e tiveram grande temor. E o anjo lhes disse: Não temais, porque eis aqui vos trago novas de grande alegria, que será para todo o povo: Pois, na cidade de Davi, vos nasceu hoje o Salvador, que é Cristo, o Senhor. (Lucas 2. 6-11)

CÂNTICO – HE 05 (A NOVA DO EVANGELHO)

Enquanto se canta um hino, as crianças são convidadas

Programa de
Culto: Natal,
Esperança e
Justiça



<http://www.highlandschurchdenver.org/wp-content/uploads/2014/12/maxresdefault.jpg>

a virem ao altar para que as velas do advento sejam acesas.

Credo da Diferença - Creio em Deus, Pai de todas as gentes, Criador de todas as raças; E em Jesus Cristo, Deus humano, em tudo semelhante a nós: no sangue vermelho na cor, e no sangue vertido na dor; Creio no Espírito da vida, Consolador de tantos prantos, pacificador em tantas lutas, inspirador da vida santa; Creio na comunhão do povo oprimido, na ressurreição dos corpos abatidos, e no gesto eterno do pão repartido; Creio na vida plena para todos os povos: do norte e do sul, do oriente e do ocidente; Creio na paz para todas as gentes: brancos e negros, amarelos e vermelhos; Creio na justiça para todos os homens, e no direito para todas

as mulheres; Creio, enfim, que somos idênticos na cor do sangue, diferentes na cor da pele, e equivalentes na comunidade humana, rumo à plenitude divina. Amém. (Luiz Carlos Ramos – Pastor Metodista em Pirassununga)

EDIFICAÇÃO:

LEITURA DA PALAVRA

PRÉDICA

DEDICAÇÃO E ENVIO:

Oração de Envio – Senhor, em ti confiamos e em ti esperamos! Nesta noite única e singular, em que o mundo recebeu na

figura de uma criança, a manifestação tenra do Deus Vivo, nos conduza em verdade e justiça. Nesta manifestação divina, clamamos que, juntamente, se manifeste a tua justiça! Que a esperança seja transformada na concretude de seu justo amor. Em nome de Cristo Jesus, assim seja!

CÂNTICO NATALINO – HE 07 (NOITE DE PAZ)

Bênção de Natal - Que Deus lhe dê a luz do Natal, que é a fé; o calor do Natal, que é o amor; o esplendor do Natal, que é a pureza; a justiça do Natal, que é a equidade; a crença do Natal, que é a verdade; a plenitude do Natal, que é Cristo. (Wilda English)

PÓS-LUDIO

*Programa de
Culto: Natal,
Esperança e
Justiça*

Culto de Renovação do Pacto



https://d168rbuicf8uyi.cloudfront.net/wp-content/uploads/2018/03/18135929/11491_E-2.jpg

UMA PALAVRA SOBRE O CULTO DE RENOVAÇÃO DO PACTO

Em 25 de dezembro de 1747 e em muitas outras ocasiões, João Wesley insistentemente recomendou ao povo chamado metodista que renovasse seu pacto com Deus. O primeiro culto formal de Renovação do Pacto, celebrado na Igreja em Spitalfields, em agosto de 1755, reformulou porções de Vindiciae Pietatis, de Richard Alleine, incluída na sua “Biblioteca Cristã”, criando assim uma liturgia de Renovação do Pacto. Este culto foi editado, em separado, em 1780, e se tornou, por aproximadamente um século, a forma wesleyana oficial de celebrar a Renovação do Pacto. A prática vigente, nas igrejas metodistas, é a celebrar este culto uma vez ao ano, geralmente no seu início.

O que apresentamos a seguir é uma adaptação do Culto de Renovação do Pacto, conforme a versão de 1780, cujas bases bíblicas são:

Dt 26.17-18; Jr 31.31-34, Ez 16.16, Jo 15.1-8; Hb 12.22-25a, entre outras.

*Culto de
Renovação
do Pacto*

ADORAÇÃO

- Convocação: Jr 31.31-33
- Cântico de abertura
- Oração por pureza de coração:

T: Deus que tudo podes,
para quem todos os
corações estão manifestos,
todos os desejos
conhecidos
e nenhum segredo
encoberto:
purifica os pensamentos
de nossos corações
pela inspiração de teu
Santo Espírito,
para que possamos amar
perfeitamente
e glorificar dignamente
teu Santo nome;
por Jesus Cristo, nosso
Senhor. Amém.

- Cântico de Adoração
- Convite à renovação do pacto com o Senhor:

[João Wesley refere-se aqui à natureza do Pacto]

D: Amados irmãos e irmãs,
a vida cristã, a que somos
chamados, é vida em Cristo;
por ele, libertada do pecado
e consagrada a Deus. Nós,
homens e mulheres, fomos
admitidos nessa vida pelo
Novo Pacto, que nosso
Senhor Jesus Cristo, como
seu Mediador, selou com
seu próprio sangue para
todo o sempre.
O Pacto é a segurança de
que Deus há de cumprir
em nós e por meio de nós
o que prometeu em Cristo
Jesus. Deus nos concede e
aperfeiçoa a fé em nós. Re-

conhecemos que sua promessa
permanece, pois experimentamos
sua bondade e graça em nossas
vidas, dia após dia.

No Pacto, prometemos viver
não em função de nossos
próprios interesses, mas para
Aquele que nos amou, sacrificou-
se por nós, e nos chama a servi-lo,
a fim de cumprir o propósito de
sua vinda.

Renovamos, com frequência,
nosso Pacto com o Senhor,
especialmente quando nos
reunimos ao redor de sua mesa.
Hoje, porém, queremos nos
consagrar de forma especial,
como nossos pais e mães na fé
o fizeram por gerações. Hoje,
queremos renovar solenemente
e com alegria o Pacto que nos
une às gerações passadas,
uns aos outros e a Deus.

Recordando, pois, as misericórdias
de Deus e com a esperança de
sua promessa, examinemo-nos à
luz do Espírito Santo, de modo
que possamos descobrir em que
temos falhado e o que nos falta
em fé e obras. Considerando
tudo o que este Pacto significa,
ofereçamo-nos de novo a Deus.

- Ato de adoração

D: Adoremos ao Pai, o Deus
de amor que nos criou, que

nos preserva e nos sustenta a
cada instante; que nos amou
com amor eterno e nos deu a
luz do conhecimento da sua
glória na face de Jesus Cristo.

C: Tu és Deus, nós te adoramos
e te reconhecemos como
nosso Senhor!

D: Gloriemo-nos na graça de
nosso Senhor Jesus Cristo
que, sendo rico, tornou-se
pobre por nossa causa; que
andou fazendo o bem e pregou
o evangelho do Reino; que,
como nós, em todas as coisas
foi tentado, mas sem pecado;
que foi obediente até à morte,
e morte de cruz; que foi morto,
e vive eternamente; que abriu
o Reino dos Céus a todas as
pessoas que crêem no seu
nome; que se assenta à direita
de Deus, na glória do Pai; e
que virá novamente para nos
julgar.

C: Tu, ó Cristo, és o Rei da
Glória!

D: Regozijemo-nos na comunhão
do Espírito Santo, o Senhor
e doador da vida, por quem
nos é dado nascer na família
de Deus, e sermos feitos
membros do corpo de Cristo;
seu testemunho nos confirma;
sua sabedoria nos ensina;
seu poder nos fortalece. O
Espírito Santo está pronto a
fazer por nós infinitamente
mais do que tudo que podemos
pedir ou imaginar.

C: Todo louvor seja a ti, ó
Santo Espírito!

- Doxologia ou outro Cântico
Trinitário

*Culto de
Renovação
do Pacto*

CONFISSÃO

- Litania de Confissão

D: Confessemos humildemente nossos pecados:

Ó Deus, tu nos ensinas o caminho da vida por meio de Jesus Cristo. Confessamos, com vergonha, nossa lentidão para aprender e nossa indecisão para seguir-te. Tu nos chamas e não prestamos atenção; não percebemos o brilho de tua presença; não te reconhecemos na mão que se estende para nós. Recebemos tuas bênçãos, mas não somos agradecidos, somos pessoas indignas de teu amor imutável.

Responso: Ouve, Senhor, eu estou clamando, tem piedade de mim e me responde!

D: Perdoa, ó Deus, a pobreza de nosso culto, a formalidade e o egoísmo de nossas orações, nossa inconstância e falta de fé; nosso descuido da comunhão entre irmãos e irmãs e também quanto aos meios de graça; nosso titubeante testemunho de Cristo, nossos falsos pretextos e nossa ignorância voluntária de teus caminhos.

Responso: Ouve, Senhor, eu estou clamando, tem piedade de mim e me responde!

D: Perdoa-nos pelas vezes que temos empregado mal nosso tempo e nossos dons, por nossas desculpas e irresponsabilidade. Lamentamos profundamente nossa indisposição em vencer o mal com o bem e nossa relutância em carregar a cruz.

Responso: Ouve, Senhor, eu estou clamando, tem piedade de mim e me responde!

D: Perdoa-nos, pois não temos amado o nosso próximo nem nos importado com seu sofrimento e pecado. Muitas vezes que temos optado por cuidar apenas de nossos próprios interesses. Temos julgado de forma leviana, com mais prontidão para condenar do que para perdoar.

Responso: Ouve, Senhor, eu estou clamando, tem piedade de mim e me responde!

AFIRMAÇÃO DE PERDÃO

[O dirigente lê uma dessas passagens bíblicas: Jr 31.31-34; 1Jo 1.5, 7-9. Após a leitura, a comunidade responde]

T: Amém, graças sejam dadas a Deus!

LOUVOR

- Cântico de louvor
- Oração de louvor:

D: Pai, nós te louvamos porque tu nos deste nosso Senhor Jesus Cristo como mediador de um novo pacto. Dá-nos a graça de nos acolhermos uns aos outros, com plenitude de fé, e nos unirmos em perpétua aliança contigo, por Jesus Cristo, Nosso Senhor. Amém!

EDIFICAÇÃO

- Leitura do texto bíblico: João 15.1-8
[ou outro texto adequado]
- Mensagem

DEDICAÇÃO

- Cântico de dedicação
- Ato de Renovação do Pacto

D: E agora, amados irmãos e irmãs, unamo-nos voluntariamente a Deus e tomemos sobre nós o jugo de Cristo. Submissão a esse jugo significa que aquiescemos, com coração alegre, ao lugar e trabalho que Cristo nos designa e que o aceitamos como nossa única recompensa.

Cristo tem muitas tarefas a ser executadas; algumas são fáceis, outras difíceis; algumas se fazem acompanhar de honra, outras de humilhações; algumas são compatíveis com nossas inclinações naturais e nossos interesses temporais; outras são contrárias a ambos. Em algumas, poderemos agradar a Cristo e a nós mesmos; em outras, não poderemos agradar a Cristo, senão negando a nós mesmos. Todavia, o poder para realizar todas essas coisas nos é dado em Cristo, que nos fortalece. Assim, preparados/as, consagramo-nos novamente ao Senhor, façamos nosso o pacto com Deus e, descansando totalmente na sua graça e confiando nas suas promessas, decidamos jamais voltar atrás.

*Culto de
Renovação
do Pacto*

- Oração do Pacto [de joelhos]

D: Ó Senhor, Deus Santo, tu nos chamaste, por meio de Cristo, para participar neste pacto de tua graça. Agora, tomamos sobre nós, com alegria, a tua cruz. Comprometemo-nos, por amor a ti, a obedecer-te e a buscar tua perfeita vontade. Já não pertencemos a nós mesmos, mas a ti.

T: Senhor, a ti pertencemos. Usa-nos para o que quiseres e onde quiseres; seja

para cumprir alguma tarefa ou para sofrer por causa do teu nome; dispõe de nossa vida ou dispensa-nos, conforme o teu querer; exalta-nos ou humilha-nos; enche-nos ou despoja-nos; concede-nos tudo ou deixa-nos sem nada. Livremente e de todo o coração, nós nos submetemos à tua vontade. E agora, glorioso e bendito Deus, Pai, Filho e Espírito Santo, tu és o nosso único Deus e nós, o

teu povo. Assim seja! E que o Pacto que firmamos na terra seja confirmado nos céus. Amém!

- Cântico Congregacional

•

[Sugestão: *Fortalece a tua Igreja* (HE, 204), em atitude de oração; a Ceia do Senhor poderá ser celebrada após o Ato de Renovação do Pacto]

- Bênção Apostólica
- Poslúdio

*Culto de
Renovação
do Pacto*

Poema de Natal

Para isso fomos feitos:
 Para lembrar e ser lembrados
 Para chorar e fazer chorar
 Para enterrar os nossos mortos -
 Por isso temos braços longos para os adeuses
 Mãos para colher o que foi dado
 Dedos para cavar a terra.
 Assim será a nossa vida:
 Uma tarde sempre a esquecer
 Uma estrela a se apagar na treva
 Um caminho entre dois túmulos -
 Por isso precisamos velar
 Falar baixo, pisar leve, ver
 A noite dormir em silêncio.
 Não há muito que dizer:

Uma canção sobre um berço
 Um verso, talvez, de amor
 Uma prece por quem se vai -
 Mas que essa hora não esqueça
 E por ela os nossos corações
 Se deixem, graves e simples.
 Pois para isso fomos feitos:
 Para a esperança no milagre
 Para a participação da poesia
 Para ver a face da morte -
 De repente nunca mais esperaremos...
 Hoje a noite é jovem; da morte, apenas
 Nascemos, imensamente.

Vinicius de Moraes

<http://www.entreculturas.com.br/2011/12/vinicius-de-moraes-poema-de-natal/>



<http://www.50emails.com.br/cultura/poema-de-natal-vinicius-de-moraes/attachment/haiti-christmas-artwork-2/>

Poema
de Natal